

Música, alimentos e outras composições do drama mítico: reflexões sobre *A origem dos modos à mesa*

LUIS FERNANDO PEREIRA (in memoriam)¹

A leitura do terceiro volume da tetralogia *Mitológicas* de Claude Lévi-Strauss traz um certo ar de familiaridade que não se deve, tão somente, ao retorno a temas aparentemente já tratados ao longo dos dois volumes anteriores, *O cru e o cozido* e *Do mel às cinzas*. Música e mitos acionam, naqueles que as escutam, estruturas mentais comuns, já anunciava, por isso, o esforço presente em tratar as relações internas e intra-mitos como partes de uma obra musical, mais especificamente, a tetralogia *O anel do Nibelungo*, de Richard Wagner (Lévi-Strauss, 2004, p. 47). Talvez, por isso, tal como o compositor alemão, mas numa escala infinitamente menor, pode-se apreender intuitivamente um esquema comum às obras de ambos (Lévi-Strauss, 1983, p. 321). Assim, como neófito tanto na discussão aprofundada sobre o estruturalismo lévi-straussiano quanto sobre a música, a partir de reações intuitivas às obras, é que arrisco este ensaio.

Além da admiração reconhecida (Lévi-Strauss, 2004, p. 35) e das alusões mais óbvias, referentes à divisão das principais obras de ambos em quatro partes e dos conteúdos míticos, há, ainda, conexões quanto à forma pela qual temas, utilizando o vocabulário emprestado da produção musical ao longo da obra, são trabalhados, sofrem variações e transmitem novas

sensações quando executados em palcos e contextos diferentes. Lévi-Strauss já chama a atenção para que músicos como Wagner codificam suas mensagens a partir da ordem dada nos relatos míticos (Lévi-Strauss, 2004, p. 50). *A origem dos modos à mesa* fornece mais pistas sobre tais conexões, apreendidas no âmbito do sensível, inconsciente, que só após um incipiente exercício estruturalista foi possível rascunhar e apresentar nesse ensaio.

Apesar de ser o terceiro volume da série *Mitológicas*, o que pressuporia a necessidade da leitura prévia dos dois anteriores, *A origem dos modos à mesa* pode servir perfeitamente como introdutória à extensa análise dos mitos de Lévi-Strauss, como o próprio chama a atenção (Lévi-Strauss, 2006, p. 9). Aliás, esse terceiro volume se configura como o mais didático, com longos trechos nos quais o autor se propõe a apresentar e discutir métodos e argumentos.

Assim como qualquer uma das partes de *O anel do Nibelungo* pode ser ouvida por um neófito, sem grandes problemas. Mas, certamente, a leitura (ou a audição) será diferente se seguir uma ordem ou outra, uma vez que os temas não simplesmente se repetem, mas vão se tornando cada vez mais complexos. O desenvolvimento de temas, na análise estruturalista ou na música, pode ser entendido como

1. *N. dos E.*: Esta resenha foi produzida por nosso colega Luis Fernando Pereira, falecido em novembro de 2008, sob o estímulo do Projeto Resenhas. A decisão de publicar a resenha na seção de homenagem a Lévi-Strauss foi tomada pouco antes de seu falecimento, e foi acompanhada da solicitação de uma pequena ampliação para o desenvolvimento da comparação entre Wagner e Lévi-Strauss, a qual Luis infelizmente não teve tempo de fazer. Publicamos a versão recebida com o mínimo de interferências.

rodear um motivo simples de motivos mais amplos e mais complexos ou inscrever no interior do motivo inicial motivos mais miúdos e detalhados; ou ainda modular em tonalidades diferentes (Lévi-Strauss, 1983, p. 247).

Tanto *Sigfried* quanto *A origem dos modos à mesa*, as terceiras partes das tetralogias de Wagner e de Lévi-Strauss, apresentam o que poderíamos chamar de adensamento de relações a partir do desenvolvimento de temas. Após apresentados os principais motivos e temas nas respectivas aberturas (*O ouro do Reno* e *O cru e o cozido*) e seqüências (*A valquíria* e *Do mel às cinzas*), às quais podemos retornar ou iniciar de forma mais ou menos aleatória (Lévi-Strauss, 2006, p. 10), nos defrontamos com outras possibilidades, ou outras variações do mesmo tema. Lévi-Strauss afirma que nada impede o início da leitura pelo terceiro volume, de longe, e anunciado, o mais didático dos quatro. O próprio autor ressalta isso na introdução: o livro forma um todo, passível de ser lido isoladamente. No máximo, seria necessário reler o mito amazônico M354, em *Do mel às cinzas*, que serve como referência para os trabalhos desenvolvidos no livro; ele seria o M1 de *A origem...* A idéia de destacar essa liberdade na leitura parece ter ligação direta com a composição mitológica e a própria música: estes livros, músicas, e mitos são organizados de forma homóloga: ao público ouvinte ou ao leitor é permitido começar de onde melhor lhe aprouver.

Isso é interessante ressaltar: o fato do mito bororo do desaninhador de pássaros ser designado como M1 ou o mito tukuna ser o M354 não revela uma hierarquia de importâncias ou mesmo, problemática abordada em *A origem...*, de empobrecimento. Qualquer mito é passível de ser o mito de referência, a escolha dependerá do trajeto (Lévi-Strauss, 2006, p. 10) ou mesmo do foco usados, o que também determina

a chave pela qual se compreende as mensagens dos mitos. Lévi-Strauss ressalta que é tal qual ocorre com o microscópio ótico, dependendo unicamente da escolha entre várias ampliações (Lévi-Strauss, 2004); cada ampliação do mito propondo um novo problema a partir de uma perspectiva diferente, o que abre possibilidades quase infinitas, mesmo quando os mitos pertencem a alguns grupos de oposições aparentemente fechados e restritos:

[...] encarados sob outras perspectivas, eles permanecem desdobrados num hiper-espaco em que aparecem também outros mitos, cujas propriedades a análise acima não esgota (Lévi-Strauss, 2006, p. 93).

Apresentar a culinária como o grande tema foi uma possibilidade de foco, a partir da constatação de que se trata de uma linguagem na qual se articulam questões sobre a passagem da natureza à cultura, já que responde às exigências do corpo, e revela experiências profundas no que tange à comida, às formas de comer, os temperos e a memória, por isso é determinada pela forma como cada homem se insere no universo, percebido de modo integral (Lévi-Strauss, 2006, p. 443). A comida se revela como uma possibilidade privilegiada para pensar relações. Os mitos sobre culinária nunca tratam apenas da culinária e nem a culinária fala apenas de si. As relações que se estabelecem pelos mitos ligados à culinária podem, além das articulações mais explícitas, outras que indiquem a mais diversa gama de relações.

Em *Sigfried*, o protagonista homônimo é um adensamento. Constitui-se de relações incestuosas que se tecem em todas e quaisquer relações e que adensam outras várias relações num quadro cuja complexidade só pode ser entendida pela condução dos temas. Outros personagens adensam relações entre pólos, como o pai dos deuses Wotan, entre céu e terra. Esse

caráter repetitivo, porém, ao contrário de levar à monotonia apontada muitas vezes na obra de Wagner, apresenta novas possibilidades de entendimento dos mitos, essencialmente porque ao comparar relações não o faz apenas entre termos de mitos sul-americanos, mas fala das próprias relações entre os mitos, sul-americanos e norte-americanos; são relações entre relações, utilizando novas oposições e propondo novos problemas (Lévi-Strauss, 2006, p. 422).

A repetição de temas e motivos ao longo da obra musical e dos mitos, longe de apenas reforçar mensagens, convida a atingir níveis mais profundos de significação (Lévi-Strauss, 1983, p. 334). Tais variações nascem pela introdução de códigos diversos (Lévi-Strauss, 2006, p. 151), como os sociológicos, anatômicos, geográficos, astronômicos e éticos. A temática da oposição cru/cozido permanece neste volume, mas aprofundada e avançada em espiral, compondo uma tripla teoria da digestão: o primeiro *Mitológicas* trata da *ausência* e da *presença* da culinária; o segundo, parte da culinária para investigar os *entornos* da culinária, tratando o mel como alguém da cozinha e o tabaco como além. Já o terceiro volume se ocupa dos *contornos* da culinária, das relações entre natural (digestão) e cultural (modos à mesa) (Lévi-Strauss, 2006, p. 423, grifos no original).

As variações também podem se dar pelo aprofundamento da análise dos mitos, que além dos termos, neste volume também opõe diferentes maneiras pelas quais esses termos podem se opor entre si (Lévi-Strauss, 2006, p. 171). Como em *Siegfried*, em que as relações entre personagens não representam necessariamente as relações entre os termos, mas entre outras relações, a preocupação de *A origem dos modos à mesa* é ampliada no campo de comparações para América do Norte e América Central, uma vez que essa comparação inclui a dimensão temporal à perspectiva sincrônica. Apesar da armação dos mitos, a forma pela qual oposições básicas

possibilitam cruzamentos possíveis, permanecer a mesma entre os dois hemisférios, os mitos sul-americanos, trabalhados nos dois primeiros volumes, dão ênfase às oposições espaciais, enquanto os norte-americanos, às oposições temporais.

A categoria tempo surge, então, como um meio necessário para tornar manifestas as relações entre outras relações, outrora dadas no espaço. Mitos sobre a origem da culinária, abordados em *O cru e o cozido*, discorrem e concebem essencialmente sobre espaços, enquanto os mitos sobre a origem da alternância dia e noite, ou do sol e da lua, aqueles com difusão mais vasta nas Américas (Lévi-Strauss, 2006, p. 81), discorrem sobre espaço e também tempo. Os mitos sobre a viagem de canoa, introduzidos pelo mito tukuna M405, “A canoa do sol”, por exemplo, colocam a canoa e a viagem como árbitros, um espacial e outro temporal, entre próximo e distante, oposição esta que pode surgir pelos temas propostos das oposições (entre) incesto/casamento impossível, temperamento caseiro/gosto pela aventura e dia e noite contínuos/absolutos.

A canoa, a mulher-rã, as esposas dos astros ou qualquer outro personagem, objeto ou instrumento colocado no mito, por si, não contam; a condição da canoa, da mulher-rã ou da própria viagem são matérias de reflexão, e não mera representação ou vestígio de uma remota informação histórica, abordagem à qual Lévi-Strauss dedica críticas mais contundentes, reforçando a errônea imagem de ser um inimigo da história. Os mitos não têm significados fixos e cristalizados. O próprio M405, sobre a viagem da canoa, remete às versões tukuna, tsimshian, cree e menomini de M354, sobre as esposas animais e a mulher-rã, e ao mito mundurucu M255, sobre a origem do sol de verão e do sol de inverno. O motivo do rio aparece como condutor das tentativas de estabelecer o bom equilíbrio, correspondendo à busca de

mediação entre duração do dia e da noite do mito cashinaua M410, à distância conveniente entre Sol e Lua e aos casamentos próximo e afastado de M354, M392, M393 e M394.

Em *O anel do Nibelungo*, Wagner tende a fundir personagens e condensar e simplificar as narrativas originais que o inspiraram. Para Lévi-Strauss, Wagner substitui um motivo por outro de forma não-aleatória, a partir de elementos que possam cumprir a mesma função (Lévi-Strauss, 1983, p. 328). Ao invés de pensarmos em empobrecimento ou perdas, tal processo é enriquecedor e homólogo ao movimento que ocorre nos mitos. N’*A origem dos modos...*, personagens e objetos compõem termos que nunca são fixados anteriormente à relação, mas ganham sentido na relação. O postulado, trabalhado exaustivamente ao longo dos dois primeiros volumes das *Mitológicas*, ganha um outro tom: uma relação adquire sentido em comparação a outras relações.

Se há caracteres comuns reproduzidos em mitos de várias partes do mundo, isso não quer dizer que os sentidos são os mesmos. O sentido dos mitos tem a ver não com os elementos isolados que o compõem, mas com as formas como eles se relacionam. Daí a importância do estudo não simplesmente das unidades, maiores ou menores, do mito, mas de feixes de relações, tais como são organizadas as partituras musicais, em várias gradações, da concomitância do que é conduzido em diferentes claves até a afinada consonância entre diferentes vozes e instrumentos de uma orquestra (Lévi-Strauss, 1970, p. 243).

As relações, portanto, evidenciam que os termos colocados nos mitos não são verdades históricas, e é por meio da análise estruturalista que se torna possível comparar esses mitos, permitindo vislumbrar as variações e, neste processo, entender o que antes parecia inexplicável. Se é evidente o caráter sociológico de M354, por exemplo, que abre *A origem dos modos à*

mesa, sobre o caçador tukuna Monmaneki que passa por casamentos com fêmeas animais e, finalmente, com uma mulher do mesmo povo, só é possível atingir níveis mais profundos, ou melhor, desenvolver de outras formas o tema, quando o comparamos a outros mitos. Uma das mulheres de M354, que se dividia em duas partes, é explicada pelo mito kalina M130 (abordado em *Do mel às cinzas*), sobre a origem da constelação da Cabeleira de Berenice, que, por sua vez, se remete a M28 (abordado em *O cru e o cozido*) sobre desmembramentos e a origem de tríades astronômicas (Lévi-Strauss, 2006, p. 29) que pode ser comparado a outros sobre os donos da pesca e a viagem de canoa (M405 e M255) e sobre as coincidências entre ocorrências celestes e zoológicas (M131, M136 e M354).

A crítica de Lévi-Strauss ao “método histórico” está na obsessão pela busca de fatos históricos puros por meio do cálculo da frequência de motivos nos mitos, isolados, comparados e localizados no espaço de forma a serem encontrados centros de difusão (Lévi-Strauss, 2006, p. 204). O equívoco, segundo Lévi-Strauss, estaria em considerar apenas a ausência, a presença ou a distribuição geográfica dos mitos, desprovidos de significação, esquecendo-se que os mitos, assim como as regras de parentesco, não se limitam a *ser* algo, mas *servem* para algo (Lévi-Strauss, 2006, p. 205). Entretanto, como demonstra ao longo de toda *A origem dos modos à mesa*, realizando levantamento minucioso de informações zoológicas, topográficas, cosmológicas, sociológicas e históricas, é indispensável o entendimento do contexto de produção de cada mito para a elaboração da análise estrutural. Assim, como já colocado no primeiro volume das *Mitológicas* (Lévi-Strauss, 2004, p. 65), Lévi-Strauss demonstra como as diferentes formas pelas quais os mitos se apresentam são frutos de transformações e traduções, que dependem

dos lugares, das diferenças de habitat e da influência de outras culturas.

E para quê serviriam os mitos, para resolver problemas e buscar o equilíbrio? Não necessariamente. Os mitos mandam sobre a disputa dos astros M460 e M461: o protagonista deste último se casa com duas moças, uma associada ao milho, outra ao bisão. O que se busca não são termos médios entre caça e agricultura, guerra e paz. O que os mitos se esforçam em fazer é provar a impossibilidade de qualquer tipo de conciliação entre formas extremas, assumindo as contradições. Um modo de vida puramente agrícola e pacífico manteria a população somente na aldeia, trazendo os riscos da endogamia; o abandono da aldeia para a caça ou a guerra, levando aos perigos da exogamia (Lévi-Strauss, 2006, p. 285 e 286). Ao contrário do motivo da canoa, iniciado em M405, que cria distanciamentos entre pólos, os mitos mandam pregam como os antagonismos entre os termos nunca são vencidos.

Lévi-Strauss não descarta a relação entre o mito e o real. Na verdade, ela é essencial, porém, dialética. O que aparece no mito pode ser o inverso da realidade. Os mitos não podem ser usados como fontes de descrições passadas de vida ou de organização social, pois podem propor inversões e posições extremas imaginadas para demonstrar inviabilidades. A oposição entre sol e lua é, como não poderia deixar de constar em um texto sobre o autor, boa para pensar relações, mas existem outros tipos de modelos para pensar outras relações, em associações que nunca são diretas, mas constituem passagens lógicas (Lévi-Strauss, 2006, p. 114), dentro de determinados campos de possibilidades.

Na análise de Lévi-Strauss, mitos aparentemente heterogêneos se reduzem a uma única mensagem, como o caso do homem de pênis longo de M354, que pode atingir amantes à distância, e a mulher-grampo, que só sabe agir

como esposa grudando, literalmente, no marido. Ambos os motivos têm valores simétricos, colocando as impossibilidades dos extremos (extremamente longe/corpo além do normal: extremamente perto/corpo aquém do normal). Não só os mitos citados acima, mas todos os analisados ao longo de *A origem...*, tratam, por meio de diferentes códigos, dessa mensagem, referente à boa distância, entre homens e mulheres, água e terra, animais e homens, próximos e distantes, inverno e verão, sol e lua. A tal ponto que, após avançada boa parte da obra, o autor adverte que apenas um mito (M354) havia sido discutido; todos os outros seriam transformações (Lévi-Strauss, 2006, p. 179). Entre América do Sul e América do Norte, no entanto, há variações e inversões. Se M326A sobre a viagem de canoa trata de uma espécie de mediação diacrônica entre pólos, M104, sobre perseguição a nado, trata de uma mediação sincrônica. Ambos falam sobre como se deve evitar ficar perto ou longe demais, em eixos temporais e em eixos espaciais.

Mas, como o autor demonstra ao longo de *A origem...*, os mitos se transformam, passam de um povo para outro, ganham novas versões; a eles se acrescentam ou se diminuem detalhes e experiências vividas. Elementos de outros mitos se misturam e o que era início em uma versão se torna o final de outra; não há como determinar um material original do mito que sirva como referência. Não é essa a função de M1 no primeiro volume das *Mitológicas*, não é essa a função de quaisquer outros mitos.

E aí residem os principais argumentos contra a idéia de que Lévi-Strauss trata de universalismos. A universalidade estaria no que ele chama de “espírito humano” ou “natureza humana”, não estruturas prontas, mas sim matrizes de geração comuns a todos os seres humanos, igualmente capazes, portanto de lidar com as coisas. Mas essa universalidade representa o ponto de partida, o pressuposto a partir do qual *A origem*

dos modos... é dedicada a entender possibilidades distintas de lidar com os mesmos problemas ou as mesmas formas de lidar com problemas diversos, sob o signo de temas históricos, geográficos, zoológicos e ambientais, entre outros. Ou seja, a principal preocupação na obra é entender as transformações do mito. Por que, por exemplo, há mitos nos hemisférios norte e sul das Américas que tratam do motivo da cabeça que rola, como M364A e B, mas, a partir de certos limites geográficos, tal motivo se separa de outros como o da origem da lua e o do incesto/celibato observados na Amazônia? O interesse não é analisar semelhanças; aliás, tarefa principal é a de provar que mitos que não se assemelham ou cujas semelhanças aparentam ser acidentais surgem dos mesmos princípios e compartilham analogias secretas, apresentam estrutura idêntica, ligando um grupo de transformação a outro (Lévi-Strauss, 2006, p. 180). Daí a impossibilidade da procura de um mito original e primeiro, já que todo mito é uma transformação de um outro anterior.

Se a obra de Wagner criou uma nova forma musical conhecida como “drama musical” poderíamos dizer que Claude Lévi-Strauss criou, ou melhor, ordenou o “drama mítico” na sua obra *Mitológicas*. O drama musical wagneriano dispensava duetos, árias ou qualquer outro tipo de interrupção da sequência de ações, marcadas por diálogos contínuos e integrados musicalmente. Assim me parece constituir-se também a obra de Lévi-Strauss, colocando em diálogo ininterrupto e incansável partes da obra que, desta forma, dão e ampliam as possibilidades de significação, com a introdução de pequenas e novas variações. *A origem dos modos à mesa* coloca questões que parecem também compor os motivos de *O anel do Nibelungo*, referentes à boa distância, ambas organizadas a partir do uso de “motivos condutores”, pequenos temas

que representam uma situação, uma ação, um sentimento, um local ou uma personagem, que podem ser transformados, superpostos e somados, constantemente repetidos ao longo da execução da obra. Seja através das relações conjugais ideais, seja pela distância entre dia e noite, terra e astros, seco e molhado, o que os mitos estudados parecem colocar como pólos opostos de relações não são, por si, tão importantes quanto o que transcorre entre eles, recuperando outra relação estudada, rio acima e rio abaixo.

Tanto *A origem dos modos à mesa* quanto *Siegfried* tratam, através de esquemas homólogos, dos mesmos temas: as impossibilidades e inviabilidades apresentadas em posições extremas nos mitos. De forma equivalente aos mitos mandan, ao longo das quatro óperas, entre assassinatos, intrigas, incestos, temperamentos impetuosos, ganância e volúpia, qualquer tentativa de conciliar o que é irreconciliável está fadada ao fracasso, à impotência, à insensatez ou à vida breve, tema em comum nos mitos ameríndios dedicados a essa impossível arbitragem entre próximo e distante. No horizonte do pensamento ameríndio, onde a multiplicação de diferenças é o “motivo condutor”, surge então o perigo da estabilização infértil, o fim do sexo, o fim do conflito, o fim da alteridade. Ou o perigo de confundir significante e significado, palavras e coisas, no palco do pensamento mítico. Diferentemente do pensamento científico, que trabalha com conceitos, este tem como operador de sua reorganização o significado. A impossibilidade da confusão entre sentidos próprio e figurado, as coisas e como estas são denominadas, é expressa em M388 (Lévi-Strauss, 2006, p. 69-70): o destino do homem que interpreta erroneamente o sentido do canto das rãs é a morte.

Referências bibliográficas

- LÉVI-STRAUSS, Claude. A estrutura dos mitos. In: _____. *Antropologia estrutural*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1970. p. 237-265.
- _____. De Chrétien de Troyes a Richard Wagner e nota sobre a tetralogia. In: _____. *O olhar distanciado*. Lisboa: Edições 70, 1983. p. 313-337.
- _____. *O cru e o cozido (Mitológicas v. 1)*. São Paulo: Cosac Naify, 2004. 442p.
- _____. *A origem dos modos à mesa (Mitológicas v. 3)*. São Paulo: Cosac Naify, 2006. 524p.

autor

Luis Fernando Pereira

Mestrando em Ciência Social (Antropologia Social)/USP

Recebida em 31/08/2008

Aceita para publicação em 11/11/2008